

CASOS DE ESPIONAGEM

Coordenador: Ten-Cel CELSO DOS SANTOS MEYER

O CASO ABEL

Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

S U M Á R I O

1. ANTECEDENTES
 - a. Introdução
 - b. Infra-estrutura clandestina
 - c. Timidez fingida
 - d. Infiltração sub-reptícia
 - e. As invenções de Abel
 - f. O sargento traidor
 - h. Todos têm seu preço
2. PRISÃO DE ABEL
 - a. Ações do FBI
 - b. A vida de Abel
3. JULGAMENTO DE ABEL
 - a. Acusação e defesa
 - b. O veredictum
 - c. Situação atual

O CASO ABEL

1. ANTECEDENTES

a. *Introdução*

Numa tarde de verão, no ano de 1953, um garoto descia correndo a escadaria de uma casa situada em Brooklyn. Era um menino de uns treze anos, mas, por sua aparência, não demonstrava ter mais de dez. Sua missão era distribuir os jornais pelas casas de seus fregueses; como

se havia atrasado, assistindo, por televisão, a uma partida de beisebol, esporte que apaixona todos os habitantes de Brooklyn, Jaime apressava a entrega dos jornais, pois queria recuperar o tempo perdido.

Como todos os meninos de sua idade, Jaime Bozart gostava de ganhar alguns dólares extra, preferindo os fregueses que podiam dar-se ao luxo de, de quando em quando, propiciar-lhe uma gorgeta mais ou menos interessante.

Apressado, Jaime descia as escadas da casa n. 252 da rua Fulton. Pulava os degraus de quatro em quatro, demonstrando extraordinária agilidade. Entretanto, perdeu o equilíbrio e teve que se apoiar na parede, abrindo a mão e deixando escapar algumas moedas que trazia, que rolaram e foram parar no andar térreo. Aborrecido com tal contratempo começou a recolher os níqueis, resmungando contra o azar que o perseguia naquele dia, com seu "team" já tendo sofrido fragorosa derrota no beisebol e, agora, com mais esse atraso. Ao apanhar as moedas ficou intrigado com um "níquel" de cinco centavos que se partira ao meio, como acontece com as moedas que usam os mágicos em seus espetáculos.

Jaime viu que no interior do "níquel" existia um pedacinho de celulóide prêto, parecendo um rolinho de fita de cinema.

Em qualquer outra oportunidade Jaime, ou qualquer garoto em seu lugar, teria guardado a moeda no bolso sem outras reflexões, para depois mostrá-la aos companheiros. Mas, justamente na tarde anterior, havia assistido à exibição de um filme sobre espionagem soviética nos Estados Unidos, interpretado por Ray Milland, e no qual se narrava exatamente um caso em que eram empregados microfilmes escondidos em relógios e cigarreiras, assegurando assim o segredo indispensável a este sistema usado pela espionagem internacional.

Jaime continuou correndo, terminou a distribuição de seus jornais e dirigiu-se a seguir para a delegacia mais próxima onde relatou o acontecimento ao comissário Milley, então de serviço. O comissário levou o caso ao conhecimento do oficial de informações daquela zona — o tenente Lewin. Afirmava o menino que havia recebido a moeda de um freguês que morava na casa onde os níqueis haviam caído e informava, ainda, que o referido senhor era um indivíduo modesto e simples e que ele, Jaime, notara que tais moedas não estavam com seu freguês, pois este, para pagar o jornal havia recorrido a um de seus vizinhos trocando uma moeda de meio dólar por dez de cinco centavos. O jornal fôra pago com cinco daquelas moedas.

Os policiais ouviram as declarações de Jaime, devolveram-lhe as moedas e determinaram que ele fôsse para casa.

Tomaram nota de seu nome e de sua residência e, segundo Jaime pôde perceber, demonstraram pouco interesse pelo caso.

Todavia, Lewin, intrigado com o caso, propôs a seu chefe que tal fato fôsse comunicado ao FBI, registrando no livro de ocorrências:

"Devemos informar o FBI. Creio que se trata de uma pista falsa, mas nada nos impede de comunicar o caso".

Às 22 horas daquela mesma noite, Frank Miller, agente especial do FBI, chegava à casa dos Bozart, onde foi recebido pelo pai de Jaime. O Sr. Fulton Bozart disse que Jaime havia saído com uns amigos, mas que havia deixado a moeda com o microfilme e que ele, Fulton, levado pela curiosidade, havia examinado o material com uma lente, podendo afirmar que se tratava de uma microfotografia de uma mensagem cifrada.

O agente do FBI preparou um recibo que entregou ao velho Fulton, declarando que havia "confiscado uma moeda de cinco centavos", solicitou ao Sr. Bozart que mantivesse o máximo silêncio sobre o assunto e que proibisse seu filho de falar sobre o caso, com quem quer que fosse.

Os Bozart mantiveram a promessa e não falaram mais sobre o assunto. Passaram-se quatro anos. Jaime cresceu, ingressou na Universidade de Troy e trabalhava em um escritório de advocacia, sem poder imaginar que desde aquela longínqua tarde de 1953 o FBI tentava, em vão, decifrar a mensagem contida naquele níquel de cinco centavos. Até aquela data todos os especialistas em criptografia que tentaram decifrar a mensagem, haviam fracassado. Foram consultados até os criptografistas que haviam conseguido interpretar o código da Marinha japonêsa e outros documentos apreendidos com espiões alemães. A mensagem chegou mesmo a atrair a atenção de Edgar Hoover, diretor do FBI e de Allan Dulles, chefe do Serviço Central de Informações (CIA). Esses dois homens decidiram trabalhar juntos, pois estavam convencidos que a mensagem ocultava a existência de toda uma organização de espionagem, perfeitamente montada.

Antes deste acontecimento, o Serviço de Informações julgava que com as revelações de Elizabeth Bentley e de Whitaker Chambers, membros do PC americano, todas as fontes de informações soviéticas, nos Estados Unidos, estivessem sob o controle dos agentes americanos. Além disso, outro espião, Albert Hiss, havia sido eliminado, enquanto os Rosenberg eram condenados por espionagem atômica, seus cúmplices já presos e sob guarda.

Mas Moscou havia, indubitavelmente, reconstituído sua rede e a moeda de cinco centavos, encontrada pelo garoto Jaime, era a prova irrefutável da ação soviética. O código nela contido era tão perfeito e tão complicado que não podia pertencer senão a um serviço de espionagem conscientemente organizado.

Durante êsses quatro anos de investigações inúteis o chefe do mecanismo clandestino que o FBI buscava tão desesperadamente, estava vivendo, pode-se dizer, bem em baixo do nariz do chefe do FBI, pois habitava o edifício localizado em frente à sua agência de Brooklyn e de tal maneira seu quarto estava localizado, que o próprio Procurador do Governo Federal, o mesmo que mais tarde deveria ordenar a prisão do espião soviético, podia ver da janela de seu gabinete a antena do aparelho de ondas curtas de que o espião se servia para transmitir seus informes diretamente para Moscou.

A busca poderia ter durado vários anos e o pedacinho de celulóide continuaria sendo um eterno segredo, se não houvesse ocorrido algo de

imprevisto durante a primavera de 1957, quando um agente soviético, de nome Vic, procurando evitar seu regresso à Rússia, apresentou-se à embaixada americana em Paris, denunciando a existência de uma rede de espionagem soviética nos Estados Unidos, chefiada por um agente chamado "MARK".

"MARK" era o Coronel Rudof Ivanovich Abel, do Serviço de Informações do Exército Vermelho, o espião mais extraordinário de nossos tempos.

Pela primeira vez, nos Estados Unidos, foi possível prender e condenar um espião estrangeiro por ações de espionagem tão dramáticas e ao mesmo tempo tão perfeitamente planejadas, que sua execução se desenvolvia até os últimos detalhes.

O assistente do Procurador-Geral do Governo, William Tompkins, que no Departamento de Justiça, em Washington, dirigia a Seção de Segurança Interna asseverou que:

"Foi um grande adversário. ABEL era um gênio em sua profissão. Durante dez anos passou despercebido, sem se fazer notar ou despertar suspeitas. De todos conseguia a amizade e a simpatia. É, sem dúvida, o mais importante e mais hábil agente soviético que caiu em nossas mãos, desde 1917. Em sua profissão é um homem excepcional pois não devemos esquecer que cumpria uma missão. Era um soldado que obedecia a ordens e trabalhava por vocação e não por lucro ou por puro espírito de aventuras. A prisão, de ABEL, para nós, foi extremamente significativa. Para fazer-se um agente de sua capacidade são necessários muitos anos, talvez quinze ou vinte. Fala o inglês com tal perfeição que eu, por vezes, tenho dúvida de que tenha nascido na Rússia. Sua presença de espírito é tal, que se eu tivesse de escrever um livro sobre a conduta de um agente secreto recomendaria que se imitasse ABEL.

É um homem que tudo sacrificou à sua missão e se personificou completamente em sua segunda vida. Acredito que para os soviéticos ele seja insubstituível, e, por isso, creio que ele não deva ser trocado por qualquer norte-americano preso atrás da Cortina de Ferro, pois ABEL significa um grande presente a ser oferecido aos russos. ABEL vale tanto como uma bomba atômica.

Cumpriá seus trinta anos de prisão em Alcatraz. Não prestou a mínima cooperação ao Serviço de Informações americano e não nos revelou nenhum indício particular. Pode ser que com o tempo mude de idéia. Quem sabe? Pode ser que algum dia se lembre que tem família..."

A importância dada ao caso ABEL pelo Governo de Washington se destaca mais ainda pelo fato de que o mesmo Sr. Tompkins provocou uma ação judicial no Tribunal de Brooklyn, contra o referido espião. Diz Tompkins:

"A história de ABEL pode parecer uma novela, mas seu gênio estava a serviço de uma ameaça contra nossa própria existência e contra nossa civilização que é a mesma do Mundo Livre".

Mas, antes de chegarmos a tais conclusões, devemos analisar o caso em tela. De onde vinha ABEL? A embaixada soviética, informada pelo advogado de ABEL de que este havia sido preso, nem sequer respondeu ou tomou o mínimo interesse pelo assunto. Pouco depois, quando um dos advogados, desconfiado de que seus serviços não iam ser pagos, abandonou o caso, o governo norte-americano informou oficialmente à embaixada soviética o sucedido, mas os diplomatas russos continuaram a "ignorar" completamente o assunto. Mais tarde, ABEL conseguiu autorização do Diretor do Presídio para falar com o advogado John Abt, famoso por haver defendido vários comunistas e que parecia ter muito boas relações com a embaixada russa em Washington, mas o advogado respondeu que "não tinha tempo para tratar dêste caso" e desapareceu da circulação. Na realidade, o agente ABEL estava completamente abandonado por seus patrícios. ABEL pertencia, exclusivamente, ao Serviço de Espionagem do Exército Vermelho, dependente da 2ª Seção do Estado-Maior Geral. Não é fácil dar uma ideia do que sejam os serviços de informações soviéticos, já que os russos são mestres em ocultar seus órgãos de informações. Fazem uso de uma quantidade enorme de siglas, cada uma das quais indica um órgão de múltiplas atividades, constantemente vinculadas entre si ou com ações paralelas. Assim, o Serviço Militar de Informações é conhecido como "GRU" e não depende diretamente do Serviço de Informações do Governo, "KGB", nem nada tem que ver com os outros órgãos de Informação como a "GRU", "INU" etc... Tal é a confusão no funcionamento e na superposição de tais órgãos, que mesmo os agentes não chegam jamais a saber para que serviço estão trabalhando, embora tenham a certeza de que suas informações ou seus mais simples informes são aproveitados até pelos altos escalões.

b. *Infra-estrutura Clandestina*

A espinha dorsal dos interesses soviéticos, nos países estrangeiros, reside em seu corpo diplomático; todavia, as redes clandestinas de espionagem, não têm, geralmente, nenhuma vinculação com os representantes oficiais da URSS. Cada zona tem um "chefe de serviço", para o qual convergem todas as informações produzidas pelos inumeráveis agentes. O "chefe de serviço" é o senhor da situação, estuda o terreno, dá ordens, vigia, interpreta, valoriza e, quando necessário, entra até em ação.

ABEL era, efetivamente, um "chefe de serviço" e certamente o melhor da zona oriental dos Estados Unidos.

Quantos outros ABEL continuam ainda cumprindo atividades semelhantes na América? Ninguém pode dizê-lo. Existem tantos e tão bem escondidos, observando o desenrolar dos acontecimentos, que seria impossível não só descobri-los como enumerá-los. No dia em que ABEL decidir-se a falar pode ser que afaste um pouco a neblina que cerca a espionagem no mundo ocidental.

Em Moscou, o caso ABEL foi considerado como grande invencionice, grande "bluff" propagandístico tramado por Edgar Hoover, chefe do FBI; mas a imprensa soviética não negou a existência de ABEL, nem que ele vivesse clandestinamente em Brooklyn. Desinteressar-se a embaixada soviética por seus agentes significa que, qualquer deles que seja pilhado não poderá contar com a ajuda nem de seus companheiros nem dos elementos da embaixada. Aliás, ABEL disso sabia, pois o aprendeu muito bem, nas aulas que lhe foram ministradas no casarão da praça Shulinsky, em Moscou, onde funciona a "CONDRES", ou seja, a Seção da KGB especializada em Questões Americanas.

ABEL levou doze anos se aperfeiçoando. Durante tal período preparou-se para viver em um mundo completamente diferente daquele em que vivera, até então. Sua história se aproxima do fantástico, mas é verídica e humana. O resto de sua existência se caracterizou por emprésas prodigiosas, mas também teve seus erros banais e inexplicáveis; assinale-se a extrema frieza d'este homem pronto para enfrentar problemas os mais terríveis em contraposição com o pai amantíssimo que era e que em Moscou, com tôda a doçura, passava grande parte das tardes brincando com seus filhinhos. ABEL deixou tudo. Trocou uma vida calma pela perspectiva de ir terminar seus dias na cadeira elétrica de um momento para outro, ou, então, ser jogado nos ermos do deserto siberiano.

Eis, pois, como um coronel do Exército Vermelho, depois de receber uma ordem para viver como pintor e de posse de uma certidão de nascimento como cidadão americano, cruzou, tranquilamente, a fronteira do México, a 1º de novembro de 1948 e começou a representar o papel que lhe havia sido dado por seu chefe, enganando, assim, durante cerca de dez anos, as autoridades e o povo norte-americano. Alguns anos depois, em Brooklyn, na semana que antecede ao Natal, em uma manhã fria, em que a neve açoitava os transeuntes, Harry Mullen, porteiro dos Estúdios Ovington, ouviu uma voz que lhe dizia:

— "Bom dia, amigo Harry! Este frio me põe nervoso, pois fico sem boa luz para pintar".

— "Bom dia, Sr. EMIL. Vou conduzi-lo, no elevador, até seu andar". O homem que acabava de chegar tirou da cabeça o chapéu de feltro, muito grosso. Era calvo, mas em roda da calvície possuía, ainda, um pouco de cabelos grisalhos que na nuca desciam até o pescoço, revelando assim sua ambição de artista. Tinha nariz aquilino e lábios carnudos, seus olhos azuis eram vivos e saltavam das órbitas mais profundas do que as normais.

Seu olhar penetrante dava a impressão de uma vivacidade fora do comum.

"Tinha a cara de um pássaro" dizia Harry Mullen, que todavia muito estimava o inquilino do quarto 252. Era um indivíduo disposto a prestar favores a qualquer momento, sempre de bom humor e com um sorriso perene a bordar-lhe os lábios. Na realidade, se Mullen não contasse

com o auxílio do Sr. EMIL, os inquilinos teriam constantemente de subir as escadas do hotel, pois o elevador quase todos os dias apresentava defeitos e o simpático inquilino era o único indivíduo que podia socorrer o porteiro nesses momentos de transe.

"Nunca me deu o mínimo motivo de queixa. Não recebia ninguém em seu quarto, nem sequer mulheres. Pagava o aluguel pela manhã do dia 1º de cada mês e dava-me ainda uma gorgeta para tomar uns tragos".

Perguntado quais as atividades de EMIL, o porteiro respondeu:

"O pobrezinho passava quase todo o dia pintando ou, então, dando comida aos pombos que eram os seus grandes amigos, vindo à sua janela para comer ou acariciar seu protetor".

Os Estúdios Ovington não são apartamentos luxuosos. Ali se alojam artistas, fotógrafos, corretores da bolsa, alfaiates e relojoeiros. É um lugar onde reina constante confusão, mas onde ninguém se ocupa com o que faz ou pretende fazer o vizinho. Os aluguéis são relativamente modestos e quando EMIL GOLDFUSS alugou uma peça no quinto andar, não discutiu o preço de 36 dólares semanais. Ao proprietário interessava bastante a permanência de EMIL em seu Estúdio, pois tratava-se de um cavalheiro distintíssimo, verdadeiro "gentleman" e que falava como um verdadeiro "mestre", sendo suas observações, embora raramente as fizesse, sempre precisas e interessantes.

c. *Timidez Fingida*

Aquêle homem, de aparência tímida, possuindo voz de barítono e falando um inglês perfeito e elegante, conhecia, também, todos os términos de gíria usados em Brooklyn. Falava com pronúncia de Boston, que é onde se fala o inglês mais puro de todo o país e sómente um especialista em lingüística poderia notar em EMIL um ligeiro sotaque irlandês, o que em Brooklyn, onde os irlandeses e seus descendentes representavam a elite da sociedade, constituía prova irrefutável de americanismo. Seu sobrenome de GOLDFUSS, de origem hebraica, dava-lhe a chance de pertencer a uma das famílias mais antigas da cidade, descendente dos bravos navegantes da "Mayflowe". Vestia-se com alguma negligência e podia-se observar que tudo que usava era comprado em casas populares, segundo o costume da gente menos aquinhoadas. Seus casacos eram invariavelmente de côr diferente do preto e suas camisas-esporte ostentavam sempre motivos havaianos. No verão costumava usar chapéu de palha de abas largas. Tinha a mania de manter os sapatos sempre brilhantes, mas isso era muito comum em Brooklyn. Levava uma vida exemplar. Nunca se havia notado nada de estranho no Sr. EMIL. Não era um misantropo. "Entretinha-se com todos, interessando-se sempre pelo que estávamos fazendo" disse um pedreiro que fazia reparações no edifício. "Certa vez convidou a mim e a uns companheiros a bebermos uma garrafa de uísque em seu apartamento.

A peça estava em grande desordem, com vários quadros pendurados pelas paredes. Em um cavalete, de costas para a janela, vimos o quadro

de uma mulher nua sendo delineado pelo pintor. O quarto era estreito e um pouco úmido, quase sem conforto, e não tinha nada de diferente dos demais estúdios de pintores ou fotógrafos que tenham de lutar pelo pão de cada dia."

Realmente, embora mais tarde se houvesse descoberto, naquela dependência, um livro de cheques que acusava milhares de dólares depositados, EMIL era muito econômico. Gastava parcamente, comendo em bares e leiterias as mais modestas e não gastando mais que um dólar em cada refeição; almoçava em seu quarto e quando viajava se hospedava em hotéis onde a diária não ultrapassasse de dois dólares.

Em seu quarto foi encontrado tudo de que necessita um pintor ou fotógrafo. Ampliadoras, pilhas, motores elétricos e ainda um pequeno reservado — "câmara escura" — situado dentro de um armário. Foi descoberto ainda, no quarto de EMIL, um rádio da marca "Hallicrafter", do tipo que é vendido aos radiamadores nas casas especializadas. São utilizados, em via de regra, para ouvir ondas-curtas ou comunicados da radiopatrulha. A antena do aparelho estava pendurada em um fio telefônico que passava próximo à janela, mas que não era usado há muito tempo.

EMIL gozava de ótimo conceito entre seus vizinhos que constantemente iam pedir-lhe auxílio em assuntos de toda ordem. Geralmente a porta de seu quarto estava aberta. Não fazia nada às escondidas, asseveravam os seus íntimos. Da janela de seu quarto podia-se ver o parque "Prospekt" e alguns arranha-céus, entre os quais o Palácio do Procurador Fiscal e a Diretoria do Serviço de Segurança do Estado de Nova York.

Firmando mais a vista, podia-se percorrer o interior da sala do Tribunal, onde, por vezes, eram abordadas questões importantes. Burton Silverman, pintor e, como EMIL, inquilino do estúdio, achava-o um cavalheiro muito distinto e agradável. Eram, mesmo, muito amigos.

— "Nunca tive nada que reprovar no comportamento de EMIL", disse Burton. "Era um verdadeiro senhor. Vinha constantemente jantar comigo, mas sempre comia muito pouco. Quando convidado, trazia flores para minha senhora e nos tratava com toda a consideração. Sabíamos que havia nascido em Nova York e que tinha tido uma infância difícil. Perdera seus pais, ainda menino, e sua companheira o havia abandonado por um funcionário de posição. EMIL nunca negava um favor. Quando, dias atrás, pedi-lhe que me emprestasse sua máquina de escrever, "Remington", não se negou a cedê-la, tendo ainda o cuidado de entregar-me uma fita nova e retirar a outra que já estava muito velha.

Depois ele mesmo fez questão de trocar uma fita pela outra, jogando a fita velha na cesta de papéis existente em seu quarto".

Cambuzza, proprietário de um pequeno negócio de acessórios de rádio, que funcionava no primeiro andar, declarou, quando ouvido:

"Não só era um grande amigo, como também, um cliente interessante. Comprava fio para antena, lâmpadas, e, uma vez adquiriu um voltímetro e um condensador. Falava muito sobre eletrônica, matéria

que me apaixona. EMIL, também, era apaixonado e grande conhecedor do assunto. Passávamos horas e horas falando sobre ondas curtas e, por diversas vezes, EMIL ajudou-me a reparar alguns aparelhos de clientes. Sim, entendia muito do assunto e sempre foi ótimo companheiro. Além de tudo era pintor de alta classe, gostava muito de pintar quadros do bairro de Harlem. Suas telas eram muito interessantes e algumas vezes encontrei EMIL pintando a paisagem que era vista da janela de seu quarto"...

Posteriormente seus quadros foram recolhidos pela Polícia. Um deles, embora ninguém, na ocasião, houvesse percebido, tinha grande semelhança com o atual ditador soviético, Kruschov.

"Eu gostava muito de pintar", disse EMIL, mais tarde, quando já se encontrava na prisão. "Se tivesse tempo creio que me teria transformado em outro Van Gogh"...

Em assuntos literários possuía gosto variável. Ao lado de novelas policiais que constantemente estava lendo, podiam ser encontrados tratados de ciências matemáticas ou obras clássicas.

As vezes falava alemão e gozava do privilégio de haver o Banco Nacional, de certa feita lhe emprestado 10.000 dólares sem outra exigência que não fosse sua assinatura como EMIL GOLDFUSS.

Nos Estados Unidos, alguém, de quem nada se tem o que dizer, goza de ótima reputação, pois os norte-americanos não gostam de pessoas que se portam de maneira diversa das demais. Assim, EMIL passava despercebido. Ninguém reparava em sua existência, embora seus amigos o estimassem e sua ausência não lhes passasse despercebida. Raramente viajava e quando o fazia era para visitar amigos na Nova Inglaterra ou ir aos montes Adirondack buscar algum motivo interessante para seus quadros. Quando não estava bem de saúde, preferia passar alguns meses em Arizona, onde o clima era mais quente e a vida mais barata.

"É necessário fazer alguns pequenos sacrifícios em benefício de nossa saúde", explicava aos amigos, "e, além do mais, durante os meses que passo em Arizona economizo bastante".

Todos tinham a impressão de que EMIL mostrava-se sempre mais alegre quando regressava de suas longas viagens, pois voltava encantado com as maravilhas do Oeste.

Tais viagens não tinham nada de anormal, pois milhões de norte-americanos estão constantemente viajando para Arizona e para Memphis, principal cidade do Estado de Tennessee e aquelas regiões não estão situadas no caminho para Moscou.

Nos hotéis de segunda categoria, onde EMIL se hospedava, o bom homem dava sempre a impressão de tranqüilidade e de insignificância. No Hotel Central achavam que ele era muito simpático; no Hotel Embassy tinham a impressão de ser ABEL homem muito correto, pois sempre pagava suas contas adiantadamente; no Hotel Lathan pequena hospedaria existente na 5^a Avenida e freqüentada por funcionários modestos e oficiais reformados, ele era recordado como um hóspede formidável, que

não amolava ninguém, nada perguntava e de nada se queixava, que entrava e saía pela porta lateral e que, às vezes, à tarde, se deixava ficar na roda dos ex-oficiais, conversando sobre assuntos diversos e mostrando ignorância completa por tudo qua se dizia a respeito das Fôrças Armadas americanas. Um de seus amigos no Lathan era o Dr. Groopman, que se recorda de uma vez o haver vacinado e lhe fornecido um atestado de vacina, em um documento estadual, pois EMIL alegava que em breve viajaria para os países nórdicos, a fim de colhêr alguns panoramas daquela região, e que no regresso tal documento seria exigido pelas autoridades americanas.

O interessante a assinalar é que, se em Brooklyn conheciam a um homem careca e que usava óculos, atendendo pelo nome de EMIL GOLDFUSS já no hotel Lathan o mesmo personagem era conhecido como MARTIN COLLIN e, em outros lugares, como PERUTTI.

"Seu rosto era difícil de identificar e era muito difícil de seguir o homem" declarou Fred Sowick, agente do FBI. "Mais de uma vez perdi-o de vista, pois ele andava sempre em zigzag, entrando em diversas casas por determinadas portas saindo por outras".

Só depois de já estar na prisão há vários dias é que o FBI pôde concluir que EMIL, COLLINS e PERUTTI eram a mesma pessoa, ou seja, o espião "MARK", denunciado por seu ajudante, o Tenente-Coronel VIC, do Serviço Secreto Soviético.

Mas, o interessante é que não basta inventar os nomes. Não se pode ser GOLDFUSS depois de ter sido ABEL, únicamente por haver recebido uma ordem superior. Tais personagens foram criados na Escola de Agentes Secretos em Moscou. Quando o agente chega a um país estrangeiro leva toda a bagagem que deve representar. Seus novos costumes, seu novo caráter e até os defeitos físicos; enfim, todos os mínimos detalhes que permitem a um homem transformar-se em outro.

O Cel ABEL levou anos para aprender como representar seus personagens. Durante todo este período não fez outra coisa senão viver nas proximidades de uma vila, ao norte de Moscou e empregou todo o seu tempo, energias e pensamentos em assimilar as diversas personalidades que mais tarde deveria representar.

Nesses anos perdeu seus velhos hábitos e aprendeu novos. Isto não era mais que uma parte da preparação que devia fazer, antes de abraçar sua espôsa e seus dois filhos, que residiam em uma modesta casa em Moscou. Foi a última vez que viu aqueles entes queridos. Rumou para o aeroporto, sem ser acompanhado por qualquer parente. Viajaria para Berlim, era o que podia dizer. Tinha uma certidão de nascimento que não podia despertar suspeitas. Fôr emitida, oficialmente, pelo Departamento Estatístico de Nova York e dizia que EMIL GOLDFUSS havia nascido na cidade de Nova York em 2 de agosto de 1902 na rua 82 n. 122. Outros documentos, referentes a outras personalidades, ele de-

veria receber posteriormente, pois não era conveniente transportar todos, em uma mesma viagem.

d. *Infiltração Sub-reptícia*

Quando o correspondente da agência oficial soviética "Tass", que controla o noticiário a ser distribuído aos jornais, chegou com seu automóvel na linha de demarcação da zona de Porkkala, região ocupada pelos russos, mas pertencente ao território finlandês, os guardas olharam rapidamente para a documentação apresentada e deixaram o carro passar.

Mas se os agentes tivessem seguido as intruções existentes e revisassem a mala do carro, teriam ali encontrado algo sensacional, ou seja, um homem gordo, parecendo agricultor com rosto queimado pelo sol e que respirava com dificuldade. Quem era esse homem? Eugenio Nikili Maki atravessou desta forma as linhas da "Cortina de Ferro" e iniciou assim sua primeira viagem aos Estados Unidos. Maki, naturalmente era um personagem fabricado por Moscou, cujo destino era seguir para a América, onde deveria colaborar com ABEL que, naquela época operava em Nova York sob o nome de "MARK". O papel desempenhado por Maki, que nada mais era do que o Tenente-Coronel VIC de que já tratamos, também conhecido por ERMAS, foi de tanta importância no caso, que estamos relatando que vale a pena nos ocuparmos mais um pouco com este personagem.

Sua verdadeira identidade era Rheino Haynamen, Tenente-Coronel, nascido em Kakissari, perto da fronteira da Finlândia, a 14 de maio de 1920.

Em 1939 foi chamado para a Fôrça Aérea e logo destinado a servir na NKVD (Narodnyi Komissariat Vnutrenij Dei — Comissariado Popular para a Segurança do Estado), pois tal entidade, em vista da próxima invasão da Finlândia, necessitava de intérpretes.

Pouco a pouco, Haynamen foi sendo iniciado na carreira de agente secreto; aprendeu a formular perguntas precisas, a descobrir um espião entre milhares de prisioneiros inocentes e a encobrir as idéias comunistas.

Enviado a Párdeni, uma pequena cidade onde o Partido estava muito desenvolvido, aí ganha a estima de todos os seus superiores e assim consegue, já em 1943, ingressar como membro do PC russo. Em 1948 foi promovido a Subtenente e transferido para a MVD (Ministério do Interior), onde tornou-se amigo de um General que o convidou para ingressar no serviço de espionagem, devendo antes seguir um curso daquela especialidade. No curso aprendeu a guiar automóveis americanos e reparar seus motores e a ganhar a vida como mecânico, telefonista e pedreiro. Recebeu uma máquina fotográfica e lhe ensinaram a copiar documentos e revelar "filmes". Três vezes por semana assistia a aulas de inglês e durante quatro horas por dia ouvia discos americanos. Destacado para uma missão na Estônia, saiu-se a contento e logo ascendeu ao posto de Major.

Certa manhã recebeu ordem de viajar para os Estados Unidos, onde deveria permanecer como "residente", recebendo ordens de "MARK". A ordem dizia, ainda, que deveria viajar primeiro para Porkkala, a bordo de um cargueiro, e dali ser transportado para Helsinqui, no porta-malas de um carro pertencente a um jornalista russo.

VIC e MARK, sob o ponto-de-vista físico, são completamente opostos. VIC é gordo e baixo; seus olhos brilham sempre com certa malícia, bebe desde que acorda até à madrugada e tem forte inclinação por mulheres. Chegou a convencer seus superiores de que, para "viver" melhor sua história, deveria chegar aos Estados Unidos em companhia de uma mulher.

Obteve permissão para se casar em Helsinqui com Ana Maki, que mais tarde, em 1953, deveria ir encontrá-lo em Nova York. Foi então que os superiores de VIC descobriram que ele já se havia casado em Leningrado, onde havia deixado um filho. Passaram a desconfiar que VIC havia aceitado as funções de espião para poder casar novamente em outro país, pois não conseguira obter o divórcio na Rússia.

Embora sendo um indivíduo muito simples, ao chegar aos Estados Unidos VIC já havia gasto mais de 50.000 dólares e estava em situação difícil, não tendo dinheiro nem para pagar o hotel.

ABEL encontrou-se pela primeira vez com seu "assistente" em um lavatório de um cinema em Nova York. VIC vestia-se de tal maneira que não foi difícil a ABEL reconhecê-lo. Fêz-lhe sinal e VIC acompanhou-o pela rua. Conversaram, estudando a melhor maneira de abrir um estúdio fotográfico para VIC, de modo que ele assim pudesse encobrir e justificar os meios financeiros que necessitava para viver. ABEL não ficou muito contente com a chegada de VIC. Seu modo de vestir não se adaptava ao de um agente secreto e ABEL preferiria que seu "ajudante" se mostrasse mais prudente. Mas era necessário contentar-se com o que lhe haviam enviado e ele sabia que as ordens do Partido não podiam ser discutidas.

e. *As Invenções de ABEL*

Os encontros entre os dois espiões ocorriam raramente. Enquanto VIC tinha liberdade de se encontrar com ABEL, os demais agentes da rede não gozavam dêste privilégio e não havia um sequer que conhecesse o "Chefe". Os agentes se comunicavam através de sinais e colocabam suas mensagens em esconderijos. Os sinais consistiam em deixar, em um lugar determinado, um objeto ou marca que indicasse ao companheiro que a mensagem se encontrava no lugar combinado.

As grades do Parque de Brooklyn eram um dos lugares preferidos. O agente devia traçar linhas, com giz azul, sobre a quinta barra de ferro. Dando cinco riscos, por exemplo indicava que a mensagem havia sido colocada embaixo do quinto banco do parque. ABEL usava êste sistema com agrado porque qualquer um podia sentar-se em um banco, observando os casais que passavam e, ao mesmo tempo, estendendo a mão

por baixo do banco, apanhar a mensagem. Outro processo consistia em colocar linhas, verticais em um poste da rua 74. Caso o poste aparescesse com três riscos o agente ficaria sabendo que sob a terceira caixa de correio, a partir daquele poste, estaria a mensagem. Logo que recebesse a mensagem o agente teria que passar um risco horizontal sobre as linhas verticais. ABEL usava muitos outros meios, todos com o fim de evitar o contato pessoal entre êle e seus agentes.

f. *O Sargento traidor*

Numa tarde de dezembro de 1951, o terceiro-secretário da Embaixada Americana em Moscou, dirigiu-se para a garagem da mesma, que ficava próximo à chancelaria, procurando o Sargento ROY S. RHODES, a quem queria surpreender com uma boa notícia.

— "Aqui está, velho, uma notícia formidável. Os russos aceitaram as razões apresentadas por nosso embaixador e permitiram a vinda de sua espôsa. Soubemos na Embaixada que ela deverá chegar dentro de uns dois meses."

A vida em Moscou, para o Sargento RHODES, corria insípida e monótona. A ausência de sua espôsa fazia com que êle procurasse embendar-se constantemente.

O Sargento havia sido enviado a Moscou para servir ao Adido Militar, mas, como o funcionário que êle deveria substituir ainda não havia sido desligado, RHODES prestava seus serviços na garagem, pois entendia muito de motores de automóveis.

Nos Estados Unidos seu crédito era alto, tanto assim que trabalhava no Pentágono, onde conquistara vários amigos. Pertencia à Arma de Comunicações.

Ao regressar à garagem, após a comunicação da vinda de sua espôsa, propôs aos mecânicos russos, que ali trabalhavam sob suas ordens, que comprassem uma garrafa de vodka para festejarem o acontecimento. No meio da festa chegaram duas mulheres que os russos haviam mandado chamar e a farrá tornou-se maior ainda. Uma delas chamava-se Natacha e RHODES, desde logo, achou-a muito interessante. Conseguindo livrar-se dos dois mecânicos saiu com Natacha para jantar. Beberam e dançaram e na manhã seguinte, quando RHODES despertou, notou que se encontrava em um quarto que não era o seu e que Natacha dormia a seu lado. Voltou a seu trabalho e teria esquecido da existência de Natacha se duas semanas depois não houvesse sido chamado para com ela encontrar-se. Concordou com o pedido, pensando passar outra noite interessante, mas ao saltar no lugar determinado encontrou Natacha em companhia de seu irmão Nikita e mais um jovem que falava corretamente o inglês e se chamava Bob Day. Subiram ao apartamento em que morava Natacha, naquele mesmo bairro; ao chegar à sala, Natacha virou-se para RHODES e, na presença dos outros dois

rapazes, disse que esperava um filho dêle e que a situação para ela era horrível, pois estava noiva e tinha que desmanchar o compromisso com o rapaz. Nikita logo dirigiu-se a RHODES dizendo que sua irmã necessitava ajuda. Beberam e conversaram durante várias horas, enquanto estudavam o caso de Natacha. Depois passaram a jogar cartas com mais um quarto indivíduo que chegara. Natacha saiu da sala e desapareceu para todo o sempre da vida de RHODES. A certa altura do jôgo um dos companheiros declarou:

"Sargento, nós sabemos que você faz câmbio negro de gasolina, sabemos que dentro em pouco sua espôsa chegará a Moscou e sabemos que Natacha espera um filho seu. Precisamos de dinheiro para resolver todos estes problemas e este nosso amigo que acaba de chegar aqui é muito rico e pode nos ajudar, desde que você coopere com a turma..." Nada mais disseram. O jôgo acabou muito tarde. RHODES perdeu muitos dólares mas, com grande espanto, ao chegar em casa encontrou nada menos que três mil rublos em um de seus bolsos.

Os dias foram passando, RHODES continuando a jogar e a perder, mas sempre voltando para casa com mais dinheiro do que perdera. Sua espôsa chegou a Moscou, mas aquela vidinha encantava o Sargento, que já agora não podia mais fugir daquele convívio, particularmente depois que havia contado muitos pormenores da vida do Embaixador, do comportamento do Adido Militar e muitas outras coisas que só passavam na Embaixada. As reuniões passaram a ser freqüentadas por môças simpáticas e atraentes e, constantemente, RHODES acordava em outro quarto que não o seu, tendo a seu lado uma interessante russa, em lugar de sua espôsa.

Várias noites se passaram entre cartas, mulheres e prazeres. RHODES estava entusiasmado com a nova vida e já não ligava muito para seu lar. Certa noite, depois de uma orgia fantástica, chegaram três oficiais do Exército Vermelho. Falaram em RHODES sobre mensagens de código, sobre o Forte Meyer, que o Sargento conhecia muito bem, e sobre muitas outras coisas. A partir daquele dia RHODES passou a encontrar em seu bôlso, não mais 3.000 rublos, porém milhares e milhares de rublos e dólares. Tornara-se rico da noite para o dia. Podia deixar seu sólido intacto.

Posteriormente passaram a fornecer-lhe dinheiro sómente mediante recibo, passado nas duas línguas, russo e inglês, e o Sargento ia contando tudo o que sabia ou que lhe era perguntado. Falou sobre o Pentágono, onde havia trabalhado, das características do motorista do carro do General Ridgeway, ao qual conhecia desde pequeno, recordou casos que havia assistido nos campos de prova de Aberdeen e certa vez até desenhou a planta completa do acantonamento do Forte Belvoir.

Em junho de 1953 RHODES foi escalado para regressar aos Estados Unidos. Tratava-se simplesmente de uma mudança de rotina, pois a Embaixada Americana em Moscou de nada suspeitava com relação ao

Sargento. Antes de partir, RHODES recebeu instruções precisas de seus amigos:

"Ponha-se em contacto com nossa Embaixada em Nova York. Nós confiamos muito em você e queremos continuar sendo seus amigos".

No dia seguinte ao de sua chegada recebeu um misterioso telefonema que dizia sómente:

"O toureiro é o campeão..."

Isto significava que élé devia ir à cidade do México onde, na entrada de determinado cinema, deveria encontrar-se com um "amigo" que estivesse com um cachimbo aceso na mão. RHODES jurou perante seus juízes que nunca havia entrado em contato com os soviéticos, depois que havia regressado da Rússia, mas em seu interrogatório caiu em algumas contradições, o que serviu para deixar os jurados em dúvida. Donovan, que mais tarde foi o advogado de defesa de ABEL, declarou em juízo que RHODES havia sido o indivíduo mais vil que já vestira a farda de soldado americano e o juiz do processo, ao saber que RHODES continuava recebendo seu sólido de 300 dólares pagos pelo Pentágono, mesmo depois de preso, enviou um ofício às autoridades daquele órgão dizendo, irônicoamente, que no próximo mês mandassem, também, a medalha de serviços distintos que RHODES merecia. Embora com tôda a opinião pública contra élé, RHODES foi condenado, sómente, a 5 anos de prisão e expulsão do Exército, pois não conseguiram provar quase nada de que o acusaram.

g. O traidor soviético

Meses depois, ante o espanto geral dos habitantes de Salida, no Estado do Colorado, a cidade foi invadida por uma onda de agentes do FBI.

O que quererão êstes homens? Não temos mais que montanhas e desertos. Não nos interessamos por política e nada fizemos. Mas ABEL e VIC haviam estado em Salida, onde habitava a irmã de RHODES, e os agentes soviéticos queriam encontrar o sargento americano. ABEL havia chegado para entrevistar RHODES e com élé havia trazido VIC, mas, anteriormente, já havia despachado documentos para alguns agentes soviéticos que operavam em Salida. Um dêstes documentos foi mais tarde encontrado e dizia:

"QUEBEC. Código para ROY A. RHODES, nascido em 1917 em Oilton, Oklahoma, sargento do Exército, membro da Embaixada Norte-americana em Moscou. Entrou para nosso serviço em janeiro de 1952. Temos em nosso poder recibos e documentos assinados por élé. Conhece o código de cifras norte-americano. Depois de deixar a Rússia foi para São Luiz, Califórnia. Prometeu enviar informes especiais para nossa Embaixada, mas há um ano que não sabemos nada a seu respeito. Parece que QUEBEC vive, atualmente, em Red Bank, onde sua mulher possui três casas. Seu pai, W. A. RHODES, trabalha em um laboratório

atômico juntamente com seu cunhado. Seu irmão é engenheiro em um campo de experiências atômicas..."

Mas não era só o novo recrutamento de RHODES que interessava ABEL. Queria o espião soviético constituir uma rede de espionagem que abarcasse o centro da indústria norte-americana e depois se ramificasse pela indústria de submarinos atômicos e foguetes, pontos em que ABEL procurava conseguir penetração a todo custo. Procurou interessar VIC neste assunto, mas este continuava a tomar-lhe muito dinheiro "para montar seu estúdio", dizia, e nem cooperava com o chefe nem comprava a casa ou o escritório destinado a seu trabalho. ABEL já estava desconfiado do procedimento de VIC. Aliás, nunca foi capaz de confiar demasiadamente em nenhum agente soviético. No caso do VIC, particularmente, ABEL sabia-o um bêbado inveterado, incapaz de levar uma missão até o final, e ainda, o que era muito mais grave, constantemente havia rusgas entre VIC e a esposa. Certa vez foi até chamada uma ambulância para tratar de VIC, que apresentava um ferimento produzido "accidentalmente" por faca.

"Um bom espião não provoca tais situações", pensava ABEL e, assim, VIC perdeu completamente a confiança de seu chefe.

Quando, de certa feita, teve permissão para ir a Moscou, "em gôzo de férias" ABEL fêz ver a seus chefes que VIC devia ser substituído, pois não correspondia mais à sua finalidade. De regresso aos Estados Unidos avisou VIC de que ele estava sendo esperado em Moscou e entregou-lhe o dinheiro necessário para a passagem. VIC gastou o dinheiro em bebidas e passeios e deixou-se ficar onde estava.

ABEL providenciou nova passagem e novo passaporte, e ameaçou VIC, dizendo que tinha ordens expressas de Moscou para embarcá-lo, pois necessitavam de sua colaboração em outro setor do estrangeiro. O problema principal de VIC era não permanecer em Moscou, pois na Rússia ele já era casado, como vimos anteriormente. Entretanto, desta vez pareceu acatar a ordem do seu superior e viajou rumo a Moscou, via Londres e Paris. Em abril de 1957 chegou a Paris. Imediatamente telefonou à Embaixada soviética naquela cidade e perguntou:

"Posso enviar dois embrulhos para Moscou sem ser por intermédio da Sociedade Mori?"

Mori era uma organização comercial que se ocupava da expedição para a Rússia de encomendas e "outras coisas".

Do outro lado lhe informaram que aparecesse na Embaixada no dia seguinte. Temeroso de que lhe acontecesse algo, em lugar de comparecer à Embaixada soviética, como havia prometido, dirigiu-se à americana, onde, após ser recebido, denunciou tôda a rede dirigida por ABEL nos Estados Unidos. Estavamos, então, a 4 de março de 1957.

h. Todos têm seu preço

A posição de ABEL era muito delicada para que ele pudesse atuar nas proximidades das bases americanas, contando as antenas de radar

ou estudando as possibilidades de obter o número de canhões existentes nos fortes. Necessitava de informantes. Como proceder para consegui-los? Onde poderia encontrá-los? Todos têm seu preço, era a teoria de ABEL, e até mesmo dentro do próprio Pentágono poderei conseguir um informante.

A história do Capitão George H. French segundo os registros encontrados no FBI, nos oferece uma explicação aceitável de que dizia ABEL.

Certa noite, em Washington, em princípios de abril de 1957, um homem em traje civil e transportando volumosa pasta de couro, entrou no albergue Statler. Daí saiu logo a seguir outro homem que se dirigiu para um casarão localizado mais adiante e onde funciona a Embaixada Soviética. Chegando ao portão da embaixada entregou a alguém a volumosa pasta e se afastou rapidamente. A pasta continha alguns documentos "Secretos" e uma carta onde eram prometidos informes mais interessantes ainda, a serem entregues no albergue "New Yorker", em Nova York, no dia 27 de abril. Os informes que estavam na pasta seriam graciosos, mas os que fôssem fornecidos mais tarde teriam um certo preço.

O homem que entrara no albergue não era outro se não o Capitão FRENCH, de 36 anos de idade, e que trabalhava no Pentágono, na Chefia do Comando Aérotático, onde exercia cargo de alta confiança pois, como sabemos, cabe a essa chefia o planejamento do bombardeio atômico do território soviético.

O passado do Capitão é dos mais brilhantes. Herói da última guerra, participou de quase quarenta missões de combate, foi condecorado por suas ações sobre Berlim e Tóquio e, mais tarde, recebeu a cruz de maior valor dada aos combatentes na Coréia. Conhecia os planos estratégicos e todos os detalhes para o transporte nos aviões, dos instrumentos eletrônicos e armas atômicas; possuía, também, alguns projetos para a construção de bombas. Ele era uma verdadeira mina de informações e informações e pedia por sua colaboração nada mais que 27 mil dólares.

Os 800 dólares mensais que recebia eram mais que suficientes para sustentar sua família, composta de mulher e cinco filhos. Mas, ultimamente, tinha se endividado muito, particularmente depois que passou a freqüentar um clube clandestino onde jogava-se forte e até altas horas da noite. Seus princípios democráticos eram firmes, sendo mesmo conhecido como um dos oficiais que mais detestavam o comunismo.

Os soviéticos aceitaram a colaboração do Capitão FRENCH e prometeram comparecer ao encontro marcado. Todavia, FRENCH não levou os documentos prometidos. Desconfiado da pronta aquiescência dos russos, deixou os papéis e cartas que pretendia vender em um depósito situado nas proximidades do "New Yorker". Também não adiantava ter levado o que havia prometido, pois, ao chegar ao local do encontro, em lugar dos soviéticos deparou com uma turma de agentes do FBI que o prendeu imediatamente. Na realidade, desde algum tempo o FBI vinha vigiando a Embaixada russa, já que o Serviço de Informa-

ções suspeitava de que havia contatos entre os russos e outros agentes americanos ou estrangeiros, estabelecidos diretamente pelos diplomatas. Assim, haviam prendido o indivíduo que havia deixado a pasta na Embaixada, logo que êle se afastara do local e por seu intermédio vieram a saber de toda trama do Capitão FRENCH. Uma vez preso, o Capitão foi levado para um campo da Luisiana, onde, depois de julgado, foi condenado a 30 de setembro de 1957, perdendo a patente de oficial e tendo ainda que cumprir perto de 30 anos de prisão com trabalho.

2. PRISÃO DE ABEL

a. *Ações do FBI*

Certo dia, logo depois de VIC haver se apresentado à Embaixada Americana em Paris, ABEL abandonava seu quarto no Estúdio de Brooklyn, declarando a seus amigos que iria passar uns dias na Califórnia, por motivo de saúde. Na realidade, usando outra identidade, COLLINS, partiu para Flórida, onde permaneceu algumas semanas nas praias de Daytona. Tudo leva a crer que daquela região tentaria chegar ao México, para depois dirigir-se à Rússia.

Terá êle recebido ordens em contrário? Será que teve dificuldades em atravessar a fronteira mexicana? Ou acreditou que sua permanência na América não implicava em nenhum perigo?

As 23.55 do dia 23 de maio, um agente secreto do FBI, que se instalara em um quarto do Hotel Tourraine, bem em frente ao Estúdio onde ABEL trabalhava, viu uma luz acender-se no quarto do espião. Há mais de duas semanas o FBI tomara a seu cargo observar aquêle quarto. O agente não pôde distinguir mais que um rosto, um nariz aquilino, um par de óculos e uma cabeça calva. A luz imediatamente foi apagada. O agente, que tinha um microfone ligado com seu órgão de chefia, alertou imediatamente aos agentes Carlson e Frederic, que logo apareceram nas imediações e passaram a seguir o indivíduo que trajava camisa esporte azul e usava chapéu de palha cintzento-escuro, com fita branca.

O indivíduo caminhava rapidamente rumo à estação ferroviária. Tomou um táxi, do qual saltou logo depois, passando para um ônibus, donde desceu em seguida para tomar outro táxi, entrando por diversas ruas e desaparecendo da vista dos agentes. Perdida a pista, os funcionários do FBI regressaram ao Hotel Tourraine.

Não devemos estranhar que o FBI não tivesse prendido "MARK" logo após haver recebido os dados fornecidos por VIC, que havia informado o nome de EMIL e o local em que êste morava.

Muitos foram os motivos que levaram o FBI a agir desta maneira e, entre outros, podemos citar os seguintes:

1º Tratava-se de encontrar ABEL que, como vimos, logo depois da acusação de VIC embora nada sabendo a respeito havia mudado de residência e de nome.

2º O FBI esperava seguir ABEL e assim obter outras pistas para pegar a rême completa ou mesmo descobrir algum "centro de informações".

3º Pelas leis americanas o FBI não pode revistar um quarto ou uma casa sem a devida permissão do juiz, nem prender qualquer pessoa sem o documento necessário, qual seja, a ordem do juiz.

Os agentes continuaram sua paciente espera e, sómente na noite de 13 de junho, a luz do quarto de ABEL foi novamente acesa. Agora, o agente que estava de observação podia ver, perfeitamente, por meio de um binóculo potente, a pessoa que estava dentro do quarto e o que estava fazendo: ABEL manejava um pequeno rádio e procurava manter ligação com alguém. À meia-noite apagou a luz e saiu de sua habitação. Nada menos que quinze agentes acompanharam o "pássaro", utilizando cinco automóveis dotados de aparelhos de rádio, radares e televisão. ABEL dirigiu-se para o Hotel Lathan e recolheu-se a seus aposentos. Os agentes do FBI examinaram o registro do hotel e ficaram sabendo que o indivíduo não era ABEL, mas sim MARTINS COLLINS. Interrogando o gerente souberam que dias antes COLLINS havia pedido a um médico do hotel que o vacinasse, pois necessitava de viajar. O médico foi despertado pelos agentes e, verificando seu formulário, constatou que COLLINS havia ali escrito a data e o local de seu nascimento. Consultando o registro civil verificou-se que naquela data e naquele local não havia nascido nenhuma criança da família COLLINS e o número de registro correspondia a uma pessoa do sexo feminino que havia falecido aos seis meses de idade.

A partir daquele momento ABEL passou a sentir que estava sendo perseguido. Por mais que os agentes procurassem dissimular, o russo era muito perspicaz para deixar passar desapercebida a vigilância que sobre ele mantinham. Comunicou a seus superiores que estava sendo seguido, talvez por uns três elementos, e que já havia comprado passagem de regresso à Rússia, devendo viajar no "Queen Elisabeth". Chegava agora o momento do FBI agir. Todavia, segundo as leis americanas, ainda não tinham elementos para, ao menos, revistar o quarto de COLLINS. Solicitaram auxílio do Serviço de Imigração, alegando que COLLINS era cidadão estrangeiro, pois sua documentação de cidadania americana era falsa. De Washington, um funcionário do Serviço de Imigração foi mandado a Nova York com uma ordem legal, autorizando a revista no quarto do Sr. MARTINS COLLINS. Sómente a 21 de junho de 1957 o agente apresentou-se no Hotel Lathan. Dirigiu-se ao quarto 830. A porta abriu-se e o funcionário entrou, acompanhado por diversos agentes do FBI. O interrogatório foi breve:

"— Coronel, sabemos que o senhor é um espião"...

ABEL nada respondeu. O quarto foi revistado e ele continuava em silêncio. Ao encontrarem um livro de cheques em nome de EMIL GOLDFUSS, perguntaram-lhe quem era, tendo ele respondido: "Sou eu".

Foi então preso pelo funcionário do Serviço de Imigração por permanência ilegal nos Estados Unidos e violação da Lei de Imigração.

A busca continuou por mais meia hora. Foram encontrados alguns microfilmes iguais ao que Jaime, o garoto, havia descoberto por acaso dentro do "níquel"; um pequeno rádio transmissor e receptor de ondas curtas e mais alguns documentos de pouca importância. Ao terminar a revista, passada sob os olhos de EMIL, que a tudo assistia sem nada dizer, um dos agentes do FBI aproximou-se dele:

— Coronel, não temos dúvida de que o senhor é um espião. Acreditamos que o melhor meio de salvar-se será, de agora em diante, o senhor passar a trabalhar conosco. Podemos, ainda, ser bons camaradas...

EMIL nada respondeu. Os agentes do FBI viram logo que não se tratava de um indivíduo do tipo VIC. Nada demoveria, ao menos nesse momento, o coronel russo. O preso foi entregue ao Serviço de Imigração, levado para o aeroporto e embarcado em avião especial com destino ao campo McAllen, situado em lugar isolado no Texas e onde, no momento, só havia três detidos. Aí permaneceu por uma semana. Só o chefe do FBI sabia do destino que tinha sido dado a ABEL, pois até os agentes que o prenderam foram proibidos de comentar o caso. Especialistas foram mandados para o Campo McAllen a fim de convencer ABEL a tornar-se espião americano ou mesmo, espião "duplo". ABEL foi ameaçado de ser reembarcado para a Rússia onde, naturalmente, seria jogado num campo da Sibéria, mas, ante tal idéia, mostrou-se interessadíssimo em ser repatriado, dizendo mesmo que já estava com muitas saudades da família. Quando, depois de oito dias no Campo McAllen, foi interrogado por um funcionário da justiça, nomeado para tal fim, ABEL reconheceu que se encontrava clandestinamente nos Estados Unidos e que havia violado as leis de imigração. Nada mais disse, embora os interrogatórios fôssem sucessivos. Só agregou alguma coisa às declarações anteriores quando perguntaram seu verdadeiro nome, esclarecendo:

“— Chamo-me RUDOLPH IVANOVICH ABEL”...

Como vemos, tal revelação tem valor muito relativo, pois, até hoje, ninguém pode afirmar se aquêle indivíduo, que teve tantos nomes, chama-se mesmo RUDOLPH IVANOVICH ABEL, nem foi possível aos americanos saber da verdade, pois desconheciam a existência de um coronel russo com aquêle nome. Nem mesmo em um catálogo de telefones, foi encontrado o nome dado por ABEL, quando, tratando-se de um coronel, seu nome devia ao menos, em alguma época, ter constado da guia telefônica.

b. A vida de ABEL

Pouco conseguiu o FBI saber a respeito de ABEL. Das declarações feitas posteriormente pelo prisioneiro podemos resumir o seguinte:

“Aparenta ter uns sessenta anos de idade, mas ignora-se a data e o local de seu nascimento. Pertence a uma família burguesa que vive

na Rússia Meridional e sempre se manteve à margem da política, quer sob o regime do Czar quer sob o jugo comunista. É filho único e, segundo declarou, seu pai era grande amigo de LENINE. Disse que viajou muito, que esteve na Alemanha estudando, e que, mais tarde, passou muitos anos na Sibéria, não como prisioneiro, mas devido a sua profissão de engenheiro".

"Sempre fui um devorador de livros", confessou. "Nas horas em que meus companheiros passeavam com suas namoradas eu me recolhia à Biblioteca Pública e lia tudo o que encontrava"...

Demonstra conhecer a fundo a literatura burguesa e capitalista. Quando conversa com alguém sobre o assunto, trata de demonstrar que os literatos comunistas também já escreveram obras de grande valor.

Seus autores prediletos sempre foram Dostoievski, Puskin e Vitor Hugo. É um músico notável. Quando na Rússia, dedicava-se especialmente ao violino, mas, posteriormente, tocava qualquer instrumento. É um violinista formidável. Interpretava Bach, De Falla e Villa Lobos com habilidade fora do comum. Gosta de fazer tudo com perfeição. Para aprender a tocar violino comprou todos os discos de Andres Segovia e todas as músicas correspondentes. Depois, com o auxílio de um gravador, tratou de imitar o mais possível o grande artista.

O conhecimento de idiomas por parte de ABEL é alguma coisa de extraordinário. ABEL não se limita a falar perfeitamente o inglês, conforme já assinalamos, e o russo com todos os seus dialetos. Conhece muito bem o italiano, o francês, o alemão e o espanhol. Fala correntemente o polaco, o tcheco, o croata e o chinês. Seu alemão é perfeito e em sua pronúncia se distingue um acento bávaro muito interessante.

Suas ocupações e suas especialidades demonstram grande capacidade como engenheiro. Já na prisão, dedicava grande parte de seu tempo em preparar uma máquina eletrônica do tamanho de um aparelho de barbear, máquina que serviria para decifrar os complicados códigos secretos. Posteriormente solicitou, por intermédio de seu advogado, licença para patentear seu invento.

Em sua vida como espião, ABEL tinha o trabalho de construir, ele mesmo, todo o material que seus auxiliares deviam utilizar. Era especialista em transformar jóias em recipientes para microfilmes. Diversos lápis foram usados como porta-mensagens. ABEL retirava parte da grafita do lápis e o substituía por microfilmes. Não considerava muito interessante o truque do "níquel" ôco, por tratar-se de algo grosseiro. Preferia usar coisas menores. Chegou a especialidade de fazer um orifício num alfinete de gravata e aí introduzir um microfilme. O orifício era tão pequeno que só podia ser percebido com o uso de lentes. Gostava muito de se utilizar de abotoaduras de camisa, onde praticava os truques mais interessantes. Achava que tal enfeite era muito conveniente para o transporte de mensagens. Usava, também, mensagens em porta-chaves e anéis, mas julgava ser mais eficiente o modo que idea-

lizou, introduzindo mensagens nos distintivos de ex-combatentes, usados pelos próprios americanos que estiveram na guerra.

Perguntado como conseguia os microfilmes, revelou que os adquiria no comércio. Havendo o FBI estranhado tal declaração, pois que a venda de microfilmes é controlada, foi saber mais tarde que ABEL comprava filmes espectroscópicos que os vendedores não viam nada de mais em vender, pois ABEL tinha tôda a aparência de um astrônomo e tal venda não é controlada. De posse de tais filmes transformava-os em microfilmes, já que tal película é muito sensível e pode registrar mil linhas em um só milímetro, sendo o primeiro espião a servir-se de tais filmes.

Em via de regra, ABEL utilizava sómente a parte gravada dos filmes. Tinha que primeiro colocar os microfilmes dentro de uma substância química, para dêles retirar tôda a celulose que os endurecia. Sómente aquela parte mole, que se pode obter passando a unha por sôbre um filme comum, é que era transmitida. Usava assim os meios mais incríveis para fazer chegar as mensagens a seus agentes ou dêles recebê-las. De certa feita, colocou uma mensagem na rédea de um cavalo que puxava um dos carrinhos no Central Park e, de outra, colocou mensagens por baixo dos espinhos de um rosal abandonado, que ficava próximo da "boite" "El Pirilampo", ao lado da "Taberna Verde".

ABEL sempre demonstrou bom humor, por vêzes desconcertante para aqueles que com ele lidavam. Durante os intervalos do processo contava anedotas que provocavam hilaridade a seus advogados e todos mostravam-se curiosos em saber o que estavam conversando. Certa ocasião, o Procurador saía de seu lugar carregando um pesado livro; ao passar por perto de ABEL, tropeçou, deixando cair o livro em cima do réu.

— "Por favor, senhor Procurador. Não me mate antes do tempo" disse ABEL, provocando risos em todos os que estavam perto.

Quando, durante o processo foi abordado o caso dos "níqueis" que continham mensagens, comentou para os jornalistas:

"O Sr. Procurador ficou admirado da existência de "níqueis" ocos, contendo mensagens. Se tivesse lido "Os Miseráveis" veria que Jean Valjan recebeu uma moeda que continha, não um microfilme, mas uma lima, com a qual serrou as grades da prisão"...

Ao lhe perguntarem se algum dia seria capaz de confessar tôda a trama em que estava metido, respondeu:

"Isto me faz recordar a obra de Montesquieu, intitulada — "Como se pode ser persa?".

Tais atitudes é que nos fazem raciocinar que o regime comunista, além de Sputniks e Luniks, também pode produzir homens como ABEL, a quem não podemos dar outra classificação senão "homem de caráter, pronto a sacrificar-se por seu ideal, olhando-o sob o ponto-de-vista em que êle julga viver — como oficial em "missão no exterior". ABEL não é um comunista atemorizado por seu governo. Durante dez anos

viveu a liberdade democrática dos Estados Unidos, democracia que não tem segredo para ele. No entanto, continua fiel a seu país e ao regime comunista.

Talvez a explicação se encontre no fato de ser um patriota russo antes de ser comunista. Quando a pena de morte parecia inevitável para ele, sua maior preocupação consistia em querer saber o que seria feito com seus restos mortais, se seriam ou não levados para Moscou. Quando as autoridades americanas verificaram ser inútil insistir com aquêle homem e que mais nada conseguiriam dêle, resolveram dar início ao processo, considerando ABEL com todos os direitos de defesa devidos a um americano ou a um cidadão qualquer, hóspede do território americano, já que os direitos são iguais e, até que os poderes judiciais provem a culpabilidade do indivíduo ante o tribunal, ele será inocente perante a lei.

3. JULGAMENTO DE ABEL

a. *Acusação e defesa*

A acusação de ABEL pelo FBI não era problema de solução fácil. Em primeiro lugar tinha que ser revogada uma determinação judicial segundo a qual todos os indivíduos que servissem de testemunha, teriam que ser identificados. O FBI, desta maneira, seria obrigado a revelar a identidade de um grupo enorme de informantes, prejudicando, assim, seus serviços. Devia agir com firmeza em todos os sentidos, pois êste processo seria, também, julgado pela opinião pública e o FBI não podia arriscar-se a transformá-lo em fragorosa derrota. Era necessário que o chefe do FBI, Edgar Hoover, tivesse em suas mãos provas que pudessem condenar ABEL.

É certo que na Europa e na maioria dos países democráticos do mundo sua condenação seria imediata, de acordo com as leis respectivas. Mas nos Estados Unidos é diferente.

A realidade era que um indivíduo russo havia vivido por dez anos nos Estados Unidos, e não soube explicar como conseguiu os meios de manutenção; no momento em que foi detido, tinha em seu poder mensagens micrografadas; fingia vida modesta, possuía no banco uma fortuna regular e dispunha de um rádio de ondas curtas de preço elevado, finalmente, não se interessava, em absoluto, em demonstrar sua inocência. Todavia, devemos lembrar que o caso se passou nos Estados Unidos onde a acusação não deve convencer ao juiz da culpabilidade do réu e, sim, necessita ter contra êste provas concretas para que ele seja julgado culpado. Ora, as leis americanas não impedem que ninguém passeie carregando nos bolsos a quantidade de microfilmes que desejar; a lei não impede que qualquer indivíduo se divirta, tendo por distração predileta uma certa quantidade de lápis com uma parte ôca; a lei também não impede ter uma série de certidões de nascimento colecionadas, sejam elas falsas ou verdadeiras (notemos que nos EUA dar nome falso não

constituí crime). Não havia lei, também, que negasse ao indivíduo o direito de ter em casa um rádio de ondas curtas para ouvir os programas que bem quisesse, inclusive russos, ouvidos por grande massa de americanos.

Fazendo um balanço das ocorrências, concluiu o FBI que a testemunha mais interessante contra ABEL era seu antigo ajudante VIC, e que, sem él, todo o esforço da acusação seria infrutífero. Tratou, então de tirar o maior proveito das declarações do VIC.

ABEL, por outro lado tinha apreensões e raciocinava como proceder na sua defesa. Conhecendo a fundo o sistema jurídico americano, calculou, desde logo, que a escolha do advogado de defesa era de grande importância no caso. Seria mesmo uma questão de vida ou de morte. Todos esperavam que ABEL procurasse um desses advogados acostumados, no forum, a dedicar-se às causas comunistas, mas tal não aconteceu. Os advogados de defesa que trabalharam no caso Rosenberg estavam à disposição de ABEL, mas o coronel dispensou-os, bem como, usando de formidável tática, a todos os advogados que se apresentaram, declarando que não tinha dinheiro para pagar despesas com defensores e que deixava ao Estado a escolha do causídico que iria defendê-lo. Alegava, ainda, que a pequena fortuna que possuía havia sido confiscada e que entregava à justiça o papel de defender seus próprios direitos constitucionais (direito à justiça).

Pouco faltou para que esta alegação "direitos constitucionais" criasse uma crise no processo, pois é sabido que um juiz americano deve, em primeiro lugar, salvaguardar os direitos de qualquer acusado e, não ajudar a acusação. ABEL começava ganhando a primeira batalha, chamando para si a simpatia de alguns americanos, pois um advogado nomeado não precisava defender-se perante a opinião pública, o que não aconteceria com um defensor pago pelo réu, que já teria contra si a antipatia de todos.

Por fim, chegou o dia do julgamento.

ABEL trajava-se irrepreensivelmente. O procurador começou sua arenga:

"... O Ministério Pùblico está aqui, não só para cumprir seu dever, como para pedir justiça"...

Sua tarefa era difícil, pois devia apresentar aos jurados os seis capítulos em que baseava a acusação de ABEL. Ele desejava levar ABEL à cadeira elétrica, o que seria, nos Estados Unidos, a primeira condenação à pena capital de um cidadão estrangeiro acusado de espionagem.

O procurador entrou em várias alternativas e abordou diversas teses, todas elas baseadas nas declarações de VIC, mas duvida-se que os jurados dessem crédito à palavra de um tipo execrável como VIC. Depois de diversas considerações, resolveu fazer seu esforço principal na tese em que acusava ABEL de haver conspirado contra o governo americano. Procurou provar que havia uma conspiração e que ABEL era o principal elemento do "complot".

Após a acusação, não muito convincente, desfilaram nada menos que 38 testemunhas, sendo que 31 delas eram agentes do FBI.

Passada a palavra ao Dr. James Donovan, encarregado da defesa do réu, disse êle:

"Não estou aqui para julgar os russos, nem mesmo o comunismo. Quero sómiente asseverar que a acusação reuniu um sem número de provas para julgar a um homem de nome X que, todavia, no meu conceito e ante tais provas, não passa de um inocente".

Passou a seguir a desacreditar os indivíduos VIC e o Sargento RHODES, personagens que, segundo sua opinião, não mereciam o menor crédito. O primeiro, a que chamava "o desonesto de Moscou", adestrado na arte de mentir, pois para isso fôra instruído e tôda sua vida era mentirosa, não podia gozar o mínimo crédito dos jurados, enquanto o segundo não passava de um alcoólatra desacreditado, que se vendeu ao estrangeiro, embora exercesse cargo de confiança. Destruindo as acusações feitas por êsses dois indivíduos, Denovan preparava o pedido de apelação a ser feito à Corte Suprema, mas não tinha ilusão sobre o êxito do processo que já sabia perdido desde o princípio.

ABEL seguia o debate com a máxima atenção. Tomava notas, auxiliava os taquígrafos que sentiam dificuldades em escrever um nome russo ou alemão, atendia os repórteres durante os intervalos, a todos se mostrando muito solícito e, nas horas das leituras mais prolongadas, distraía-se desenhando cenas do julgamento oferecendo depois seus desenhos aos jornalistas que o cercavam.

b. *O veredictum*

Por fim reuniram-se os jurados para o veredictum. Horas e horas se passaram. Os jornais, cansados de esperar o resultado, já anunciavam que era certa a condenação de ABEL à pena capital.

ABEL foi julgado "culpado" pelo corpo de jurados onde figuravam 4 mulheres. Todavia, o juiz não teve elementos para condenar ABEL à pena de morte e viu-se na contingência de pronunciar-se por 30 anos de reclusão e uma multa de 3.000 dólares.

Tinham razão os companheiros de prisão de ABEL, quando diziam:

— "Coronel, o senhor não será condenado à morte. Pode dormir tranqüillo esta noite, pois o senhor ainda continuará vivendo por muito tempo".

É que, na prisão, ABEL era admirado por todos seus companheiros.

"Nunca houve um prisioneiro mais estimado... É incrível. Nem mesmo a Rainha Elisabeth é mais respeitada e ouvida no Palácio de Buckingham, do que o coronel ABEL" observou o diretor do presídio.

Tais afirmativas são interessantes, pois todos sabiam o tratamento que os demais presos dão aos comunistas. Basta recordar o caso de Remington, um funcionário americano condenado como filocomunista e

que acabou sendo misteriosamente assassinado por seus companheiros de prisão.

Com ABEL tudo é diferente. É muito respeitado, faz conferências sobre assuntos os mais diversos, toca violão, escuta com toda atenção a história dos demais detentos, aconselha-os e continua esperando o resultado da apelação.

Tudo leva a crer que, se a Corte atender a apelação de ABEL, este será posto em liberdade, mas jamais permitirão seu regresso à Rússia, pois, nos Estados Unidos, consideram ABEL como homem único em questões de espionagem.

"Se na Suíça, país completamente neutro, um agente americano vivesse durante uma semana, seria imediatamente descoberto. No entanto ABEL foi capaz de viver durante dez anos nos Estados Unidos sem ser molestado", disse Donovan e acrescentou — "Se, por acaso, algum dia ele conseguisse a liberdade, eu seria o primeiro a oferecer-lhe um lugar em meu escritório de advocacia, pois, o homem conhece todos os assuntos e é um verdadeiro sábio. Fala de Einstein como se fosse seu amigo íntimo. Tem uma cultura vastíssima, entende de pintura, fotografia, joalheria, eletricidade e química, além de falar um sem número de idiomas. Temos que respeitar tal adversário...".

c. Situação atual

Ultimamente ABEL já confessa que o futuro não o preocupa muito. Acha uma grande felicidade não se encontrar no "corredor da morte", pois segundo seu ponto-de-vista, um homem jamais aceita a morte como coisa normal, e afirma:

"Trinta anos de prisão, apelação, liberdade, revisão... não sei o que me espera. Quase todos conhecem a história do bandido e do burro, mas, aos que não a conhecem vou contá-la."

Um camponês foi condenado à pena de morte por seu dono e senhor, mas implorou ao mesmo que o deixasse viver por mais dois anos, pois ele conhecia o segrêdo para ensinar os animais a falar e estava pronto a dar ensinamentos ao burro cincento de seu senhor. O animal, no fim de dois anos, estaria falando fluentemente e, se assim não fosse, seu amo poderia mandar executá-lo da maneira mais bárbara que houvesse. Intrigado com o caso, o amo concordou que o camponês vivesse mais dois anos, mas que ensinasse o burro a falar.

Ao saber da promessa feita por seu marido a esposa desse reprovou o camponês, dizendo ser impossível cumprir com o prometido, pois jamais o burro falaria.

Eu sei que o burro não poderá falar, respondeu o camponês, mas durante estes anos o patrão pode morrer, ou o burro, ou eu mesmo falecer de morte calma e natural..."

É este o espírito que ABEL mantém até o presente momento, ou seja, fevereiro de 1961.